



ESTRADA, PAISAGEM E CAPIM A VIAGEM COMO DESCOBERTA ESTÉTICA E DOS OUTROS

Silvia Helena Cardoso. CUBA - SP

RESUMO: Estrada, Paisagem e Capim – A Viagem como descoberta Estética e dos Outros relata o desenvolvimento de uma pesquisa em Artes, especificamente, em Poética Visual realizada no Jalapão, Cerrado Brasileiro, no Estado do Tocantins. A fotografia digital foi a linguagem visual privilegiada na construção do ensaio fotográfico. A viagem como deslocamento promoveu a descoberta estética das estradas, das paisagens, e também dos protagonistas locais – os outros.

Palavras-chave: Poética Visual; Viagem; Experiência Estética; Fotografia Digital; Natureza.

ABSTRACT: Road, Landscape and Grass - A Journey to discovery Aesthetics and The Other reports the development of research in Arts, specifically in Visual Poetics held in Jalapão Brazilian Cerrado, in the state of Tocantins. Digital photography was privileged visual language in the construction of the photography. A trip like displacement promoted aesthetic breakthrough roads, landscapes, and also of local actors - the other.

Keywords: Visual Poetry; Travel; Aesthetic Experience; Digital Photography; Nature.

Estrada, Paisagem e Capim – A Viagem como Descoberta Estética e dos Outros é parte do trabalho de doutorado desenvolvido e defendido no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (2011). É certo que um trabalho de fôlego leva algum tempo para ser assimilado e desta forma continua apresentando espaços para a reflexão a partir de todas as ações empreendidas quando da pesquisa, sejam os materiais coletados no Cerrado Brasileiro, especificamente, no interior do Jalapão, ou os diálogos estabelecidos com os diferentes autores e artistas consultados a partir da literatura e portfólios, bem como presencialmente. Além do próprio processo criativo desencadeado, não podemos deixar de mencionar os diversos interlocutores que direta e indiretamente fizeram parte da pesquisa: os moradores locais.

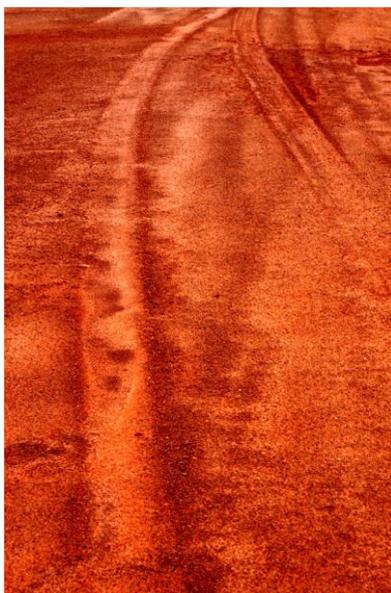
O Jalapoeiro é um homem que se estabeleceu na área fronteira entre os Estados da Bahia, Piauí e Maranhão. São originários dos quilombos baianos quando do momento da abolição da escravidão, ou ainda anterior a ela. Segundo alguns

moradores locais, os seus parentes chegaram depois de muitos dias e noites caminhando até que encontraram um mel muito gostoso e muita água limpa boa para cozinhar e banhar. Tal lugar é a região da Mumbuca, a Comunidade mais conhecida de Mateiros do Jalapão. Esta cidade é o coração do Jalapão e núcleo urbano, apesar de contar com várias comunidades rurais.

A história acima é relatada por quase todas as pessoas da Mumbuca e também por outras comunidades vizinhas. É uma história conhecida e também da gênese do lugar. Como os principais antropólogos relatam nos mitos de origens da maior parte das culturas espalhadas pelo mundo, o aspecto mitológico tem um papel fundador e necessário para o homem local saber de onde vem, a sua origem, o seu nascimento.

A primeira viagem ao Jalapão aconteceu em julho de 2006 por ocasião das férias docentes e de certa necessidade em ficar longe da vida urbana. A intenção era apenas conhecer um lugar bonito e distante, contudo o contato com o cerrado promoveu muito mais do que esperava ou do que não esperava: uma sensação muito forte diante daquela paisagem e do encontro com as pessoas humildes, especialmente, os artesãos locais.

A partir desta viagem, seguiram outras e cada uma marcou definitivamente a minha permanência naqueles “confins de mundo”.



Da Série Estrada (IV), Dezembro de 2009.

Viagem do Encantamento



Vale das Dunas, Julho de 2006.

O primeiro deslocamento foi identificado por Viagem do Encantamento. Por que encantamento? Percorrer e adentrar o interior do cerrado, em contato com as sensações de imensidão e infinito, desencadeou um sentimento tão profundo e revelador que foi capaz de ultrapassar a percepção e qualquer expectativa sobre o lugar. Aliás, nenhuma descrição – escrita ou visual – é suficiente para dar conta da sensação inicial com o cerrado e, especialmente, com o Jalapão. Assim, a primeira viagem está na ordem da percepção, do sutil, do subjetivo que são chaves para reconhecer a forma de conhecimento que não passa apenas pela razão, o pensamento racional e objetivo. Ao contrário, estas sensações pertencem ao universo sensorial, do desconhecido, do inconsciente, da memória, das diferentes fases da vida humana.

Na Viagem do Encantamento, a paisagem despontou como protagonista e o silêncio e a solidão como características do cerrado. O percurso da viagem, marcado pelos vários deslocamentos nas estradas estaduais e locais, foi acompanhado da descoberta das montanhas distantes, das árvores retorcidas, da diversidade da flora,

da intensidade do calor, e, essencialmente, por um mergulho interior composto por camadas estruturadas e sobrepostas que também desenhavam um caminho desde a superfície até o interior do pensamento. Como se a percepção se expandisse para além das sensações humanas, ocupando um espaço maior que o corpo físico.

A viagem enquanto deslocamento – o ir e o vir – e a experiência estética – a cor, a forma, a linha, o som – tomou contorno e desenhou o norte da pesquisa poética através das inúmeras fotografias compostas. A contemplação se consagrou como essência do estar e sentir o cerrado através da paisagem e do infinito no traço do horizonte. Portanto, viagem e contemplação no trabalho fotográfico representam estratégia e necessidade, respectivamente, do conhecimento e do fazer poético.

“O deslocamento no espaço é simultaneamente uma travessia no tempo, em direção ao passado mais distante. Mas as paisagens reencontradas ressoam segundo o que elas evocam e tornam possível na dramaturgia pessoal do viajante. Se há um espírito que se afeiçoa ao lugar, é porque a viagem está nele ao mesmo tempo. A estadia, longe de nos deixar sempre perdidos no oceano das curiosidades inúteis, nos conduz, às vezes, em certos lugares privilegiados, a nós mesmos, nos faz reentrar em nós mesmos” (BESSE, 2006, p. 45).

Viagem do Desenvolvimento

Depois da Viagem do Encantamento, a segunda viagem entre os anos de 2009 e 2010, a denominei por Viagem do Desenvolvimento, uma vez que adentrei na estrada já conhecendo minimamente o Jalapão. Sem música a bordo o que permitiu ouvir e sentir o som do cerrado jalapoeiro, bem como sentir o seu odor, o cheiro, a atmosfera. Contudo, como registrar tais sensações com a técnica fotográfica?

A busca se definiu através da experiência do sublime, através de uma intensa contemplação, como atitude e sensação, quase um êxtase diante da paisagem natural. Para Jean-Marc Besse (2006), a paisagem está para o sentimento, enquanto a percepção está para a geografia. A paisagem detona uma relação dinâmica entre o homem e a natureza. O elemento paisagem é vivo, portanto natureza e cultura são quase os extremos de uma mesma linha. Se rompido o elo que os une, o horizonte deixa de existir, porque ele sintetiza a expectativa diante do

presente e do futuro, do que é e do que está por vir. Para a geografia, a percepção é quase e somente espacial, o concreto, o que está diante do olho.

Nessa direção, outro elemento tão importante se impôs: a estrada. A estrada é o percurso, é a ligação entre um ponto e outro, entre uma cidade e outra, e é nesta direção que a paisagem aparece e se revela. A estrada também conta com o tempo enquanto essência para ver, perceber, assimilar, elaborar e exhibir. Não nesta ordem, porque a poética não tem uma receita, uma organização exata e precisa, ao contrário, o caos enquanto algo desordenado, não linear e oposto ao método cartesiano faz parte do seu desenvolvimento.



Da Série Paisagem (III), Dezembro de 2009.

A fotografia foi a linguagem privilegiada nesta viagem, nesta estrada...

Uma questão se colocou: certo paralelismo entre o caderno de campo de um etnógrafo/antropólogo e o caderno de artista, de uma artista/pesquisadora, especificamente, fotógrafa. Qual é a função de um caderno de campo na pesquisa em Antropologia? Qual é a função de um caderno de artista no desenvolvimento de uma poética? A Antropologia busca a construção de um conhecimento a partir dos indivíduos inseridos em um contexto cultural; tem a ciência enquanto norte do trabalho, enquanto o artista busca a construção de uma poética conduzida pelos

sentidos. Portanto o conhecimento sensível costura o trabalho, estrutura o processo de pesquisa. Ambos os cadernos são estratégias e ferramentas para a construção dos conhecimentos científicos e sensível, respectivamente. Aqui a Arte toca na Antropologia e se complementam.

A linguagem fotográfica enquanto registro dos passos e marcas, e desencadeamento das sensações vivenciadas no cerrado, no Jalapão...

Escolher o Jalapão enquanto lugar de criação poética foi uma decisão com essência antropológica. Antropologia e Arte são duas áreas que se somam: a observação está presente nas duas abordagens – fotográfica e etnográfica.

A Viagem do Desenvolvimento, de fato, inseriu-me no campo de pesquisa – a experiência estética se afirmou como direção e a estrada como laboratório poético. Deixei a periferia do trabalho para mergulhar profundamente no interior do cerrado e no meu próprio interior. Metaforicamente, a coluna cervical deste trabalho se construiu através da viagem/deslocamento, a essência antropológica e a poética como construção visual através da fotografia digital.

Fotografias digitais, desenhos, tentativas com a gravura, esboços pictóricos, anotações e filmes apresentaram caminhos poéticos, contudo acabei por eleger apenas as fotografias digitais e as anotações. Cada um destes fazeres poéticos têm territórios definidos e exigem olhares diferentes. A fotografia sempre foi a linguagem privilegiada, e a fotografia digital e o relato escrito acabou por desenhar o ensaio imagético.

Em Gilles Deleuze (1997), a criança constrói um mapa do mundo a partir dos afetos e dos trajetos familiares. Contudo este mapa não é estanque, é dinâmico e tende a aparecer em diferentes fases da vida. Com este norte, constatei que a escolha pelo Jalapão se revelava como uma tentativa inconsciente de recuperar um imaginário complexo que estivera adormecido, mas que agora tinha espaço para emergir do sono profundo.

A linguagem fotográfica tomou forma e delimitou o trabalho “Estrada, Paisagem e Capim” que nasceu na segunda viagem e desvendou o que estava sedimentado na memória.

Do Artesanato Local



Círculo de Fogo, Janeiro de 2010.

Os objetos artesanais desenvolvidos pelos moradores da Mumbuca e também por outras comunidades são reflexo da interação entre o homem e a natureza que acabam por construir um conjunto de atitudes e, contemporaneamente, podemos identificá-las como parte de uma cultura. Portanto, homem, natureza e cultura estão totalmente associados: o homem observa o meio em que se move e acaba por promover transformações no próprio ambiente. Tais ações são os diferenciadores se comparados com padrões culturais dominantes. Assim, o pensar e o sentir, e, conseqüentemente, o fazer acaba por definir outros aspectos culturais que enriquecem a própria comunidade, e ampliam o universo da diversidade cultural.

Desta forma, a pesquisa é simultaneamente alimentada pelo pesquisador – aqui o artista/pesquisador -, e também pelo sujeito pesquisado, isto é, o estabelecimento de uma troca constante entre as partes envolvidas: o estrangeiro e o local. Assim, os processos artísticos são dinâmicos, como as culturas são dinâmicas, nunca se esgotam, porque as conexões mentais também são ilimitadas.

Do capim dourado encontrado no cerrado brasileiro, as mulheres tecem uma mandala gigante; o estrangeiro compra o objeto e o transporta para um ambiente muito diferente da origem da peça; assim, o pensamento se expande a partir do movimento da própria cultura material.

O Jalapoeiro é um sobrevivente do último século, uma vez que necessitou construir absolutamente tudo para existir naquele lugar. O seu contato com a natureza fez das espécies autóctones suas parceiras de trabalhos e desde então passou a usar os objetos de capim dourado confeccionados primeiramente pelas mulheres como moeda de troca no comércio local e em outros estados brasileiros. O sal, por exemplo, era um dos produtos adquiridos com a troca de uma caixinha com tampa construída com os fios do capim dourado e com a linha de seda do buriti. A partir daí, os objetos em capim dourado passaram a circular não só no Jalapão, mas também em estados vizinhos e, atualmente, mundo afora.

Na viagem do desenvolvimento, fiquei hospedada na Comunidade da Mumbuca, pontualmente, na pequena “pousada” da Tonha – Antonia Ribeiro da Silva, artesã e funcionária pública, disponibiliza quartos para os estrangeiros que visitam a vila e querem passar mais tempo com eles. Desde Bronislaw Malinowski (1884/1942), antropólogo polonês, sabe-se que um método da etnografia é residir com os povos estudados. A lição exige que *“o antropólogo viva com eles e como eles”*. Por muito tempo acreditou-se nesta conduta, contudo sabemos que nosso filtro cultural é mais forte, pois podemos até viver com eles, mas como os outros, é um tanto difícil. De qualquer forma, o importante é saber identificar a comunicação que se estabelece entre os protagonistas envolvidos – as atitudes não são neutras e imparciais – ao contrário, o contato cultural é marcante para todos.

Viagem do Aprofundamento



Da Série Resistência (I), Outubro de 2010.

A Viagem do Aprofundamento, a terceira viagem, aconteceu no segundo semestre de 2010. Este deslocamento foi o menor de todos: apenas uma semana. O Jalapão neste ano viveu um dos maiores incêndios e o verão experimentou uma das maiores secas. O cerrado estava praticamente queimado.

Esta viagem foi cercada por dúvidas...

A hesitação em viajar foi consolada com a ideia de que a Arte é também o espaço da dúvida. O lugar de menor solução e maior incerteza, portanto, existia, tanto a possibilidade de conseguir realizar o trabalho fotográfico plenamente, ou não, e nesta circunstância poderia encontrar um tempo para refletir sobre a pesquisa em campo de trabalho. A impossibilidade em fotografar também poderia tornar-se material para a pesquisa poética.

Os viajantes, naturalistas e aventureiros foram lembrados neste processo de trabalho, uma vez que embarcaram em viagens pouco seguras. Eles não tinham nenhum comprovante de segurança e tampouco de sucesso quando empreenderam as viagens que marcaram o período entre os séculos XV e XIX no mundo ocidental.

“... homens inquietos – curiosos ou insatisfeitos – aos quais o ponto cego do horizonte obseda, constantemente, fustiga e desafia. (...) dificilmente param em casa (se chegam a ter uma); e sua atração pelas fronteiras parece torná-los, quase inevitavelmente viajantes “ (CARDOSO, 1988, p.352).

Os fotógrafos são naturalmente viajantes...

De longe, o Jalapão é um lugar inóspito. É um desses territórios que parecem não dar lugar para a vida humana. A descoberta é lenta e processual. Aos poucos revela certa humanidade, se faz familiar e acolhe, tudo é devagar, o tempo é marcado por outro ritmo – o da natureza.

Viagem do Refinamento

A Viagem do Refinamento foi o quarto e último deslocamento em janeiro de 2011. A intenção desta viagem era sentir o distanciamento como um elemento da construção poética. Para tanto empreendi um percurso de carro entre São Paulo e o Tocantins: quatro dias para chegar e outros quatro dias para voltar. Naquele momento, a distância era a matéria prima na construção do ensaio fotográfico.

A ideia da viagem como lugar de criação poética e experiência estética foi mais persistente do que todas as dúvidas colocadas. A concretude do deslocamento era real e este dado me fascinava.

A Viagem do Refinamento representou um grande desafio: o reconhecimento dos limites e da necessidade de compartilhar. No filme “Na Natureza Selvagem” (2007), o protagonista chega à conclusão de que *“a felicidade só existe se é compartilhada”*. O homem em certa medida busca o desafio, tem atração pelo risco que faz parte da sua essência, e precisa lidar com os seus medos, justamente para se conhecer.

Desta forma, essa viagem, a intuição desse refinamento, representou a finalização de uma busca, de uma procura que partiu de um encantamento pela paisagem para a descoberta de um “devir”, um retorno à memória e às coisas do esquecimento; e o reconhecimento do medo como significado de um lugar de passagem que anteriormente não havia sentido.

A deriva enquanto caminhada não existe no Jalapão. O território não permite a movimentação física dos homens. É quase impossível com aquela temperatura e o

calor intensos. E os animais podem representar uma ameaça. Decididamente, *flanar* pelo interior do cerrado não é indicado.

O Jalapão deixou de ser apenas o lugar de pesquisa, onde o estudioso tradicionalmente coleta informação e analisa posteriormente para tornar-se o espaço da criação como um *atelier* de artista.

As referências visuais – os outros artistas que dialogamos quando da imersão em um processo de criação – não estavam apenas no território delimitado pela fotografia, contei com obras pictóricas, tais como a pintura de Mark Rothko (1903/70) e de Mira Schendel (1919/88), como também as fotografias do pintor Cy Twombly (1928). Os artistas foram importantes porque a cor em suas obras é preponderante e para o cerrado brasileiro também.

“A cor e a pintura como arte da cor dão aos homens o mundo em sua verdade sensível e vivente. Na cor encontra-se o que a geometria não alcança, a carne do mundo, que é o lugar mesmo da manifestação da sua essência” (BESSE, 2006, p.54).

A ideia de “fotografia expandida”, uma fotografia que dialoga mais com outros territórios da arte, para além do seu lugar conquistado no século passado, foi tomada como norte do processo poético.

Busquei coerência quando optei pela fotografia digital – economia e preservação da natureza - mas não só isso colaborou com esta proposição técnica: a própria imagem digital como expressão e possibilidade do fazer poético. A alternativa em registrar e ver o que fora realizado quase simultaneamente torna-se uma ferramenta de seleção e reflexão sobre o fazer.

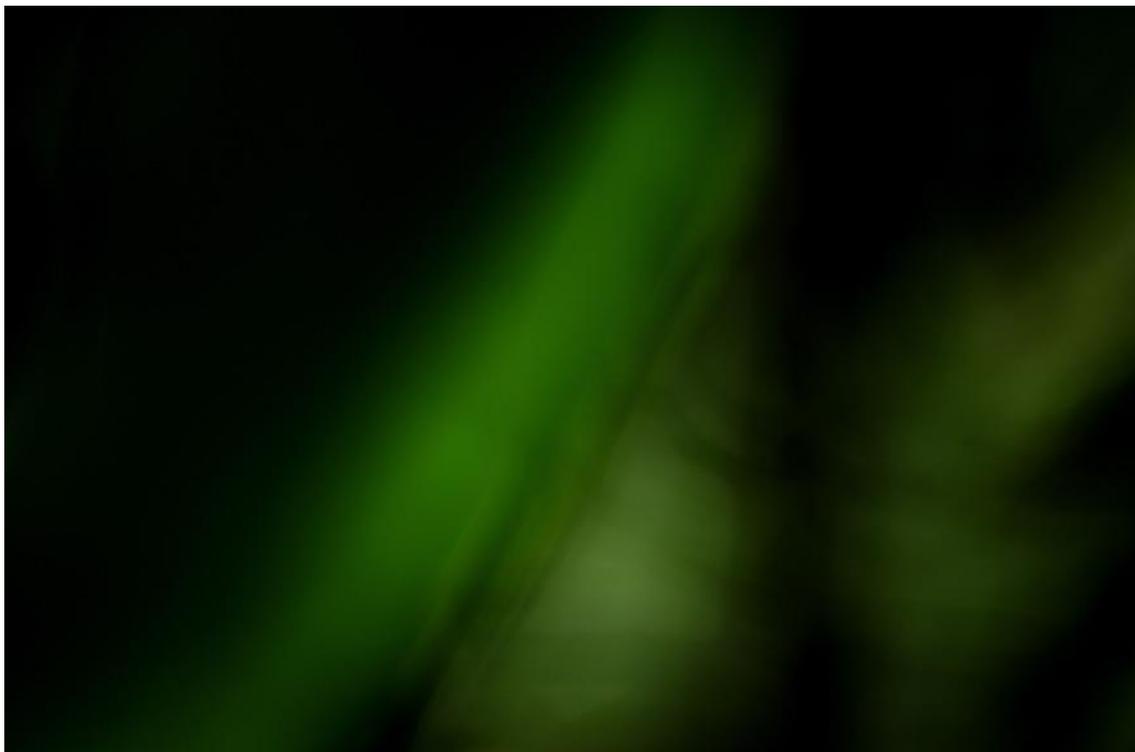
O fazer fotográfico na dimensão da construção poética realizou-se com as viagens, com as análises dos arquivos digitais, com as referências visuais e teóricas, com as conversas com a comunidade local, com os questionamentos e reflexões levantados, e, especialmente, com o contato com o cerrado e todas as viagens interiores que foram proporcionadas pelo Jalapão.

Um trabalho em Arte representa uma busca pela expressividade – a partir da intuição, do instante, da percepção – e também uma investigação que conta com certa racionalidade – a razão também faz parte do processo. A soma do conhecimento sensível e do conhecimento racional edifica um saber que é próprio

do território da arte. No processo da pesquisa poética - da busca, da investigação e da descoberta – identificamos os sentidos no e do fazer artístico. Arte também é conhecimento: da matéria ao objeto encontramos pensamentos, questionamentos, reflexões, elaborações, transformações, entre outros, que estruturam um processo poético. Portanto, a Arte e o fazer, a Fotografia como Linguagem, especificamente, é intrínseca do trabalho processual.

Em Estrada, Paisagem e Capim, a fotografia é o processo e o resultado da obra. A partir do material fotográfico bruto e do descobrimento do Jalapão construí uma narrativa imagética, mas outras narrativas poderiam ser elaboradas. O trabalho em Arte não se limita a um fechamento exclusivo, ao contrário, como um objeto polissêmico, permite uma infinidade de outras leituras e construções. O percurso desenhado contou com uma edição de imagens não linear, isto é, não seguiu o cronograma das viagens, ao contrário, a partir de cada deslocamento foram selecionadas fotografias que depois foram costurando um discurso elaborado no processo de desvelamento do cerrado jalapoeiro.

“Reconhecer o espírito da natureza, penetrar nele, assumi-lo e expressá-lo com todo o coração e com todo o ânimo, eis a tarefa da obra de arte” (SUBIRATS, 1986, p. 49).



Da Série Frescor (I), Outubro de 2010;

Breve consideração

A fotografia de Robert Frank (1924) acompanhou imaginariamente parte das viagens realizadas pelo Jalapão, especialmente quando a estrada se definiu como direção para os vários pensamentos e dúvidas que foram levantados ao longo do processo de pesquisa poética. A estrada como metáfora da passagem entre o que é e o que não é conhecido. Neste percurso, o encantamento se revelou como uma sensação entusiasmada pela paisagem e o cerrado, especificamente. O reconhecimento da contemplação, a partir da quietude e do silêncio, surgiu como uma necessidade de aprofundamento, não só no espaço externo como também internamente, como uma viagem de descobertas e redescobertas da memória e do esquecimento.

As fotografias exibem uma estética documental – o registro do real, daquilo que está lá e aparece de forma íntegra, sem corte – onde o índice se faz presente (ROUILLÉ, 2009), mas também mostra um conjunto de imagens que privilegia a não figuração, certa abstração a partir de um objeto real. Estas fotografias menos figurativas tocam no processo de construção poética onde a intuição, o instante e a percepção são elementos essenciais da visualidade e, portanto, do conhecimento sensível. Essa dinâmica caracteriza o movimento da própria história da fotografia ao longo do último século: um vai-e-vem entre o registro documental e a fotografia-expressão.

Ao mesmo tempo, o protagonista local, isto é, os moradores do Jalapão, são importantes para refinar o nosso olhar, uma vez que eles conhecem o lugar e podem promover um conhecimento para além do que está no nosso horizonte. O artista transporta com ele um volume de considerações e poéticas de diferentes outros profissionais da área – teóricos ou não - contudo as informações locais são tão importantes quanto, uma vez que podem no mínimo dinamizar os processos de criação. Neste momento, compartilhamos os nossos pensamentos, experiências, intuições, atitudes, formas de pensar entre outros com eles e eles com nós. Uma pesquisa desta natureza deve ser uma *“via de mão dupla”*, à luz de Walter Benjamin (1892/1940).

- Compartilhar é necessário!



Linha de Seda do Buriti, Janeiro de 2010.

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*; tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Coleção estudos; 230)

CARDOSO, Sérgio. *O Olhar do Viajante (do etnólogo)*. In: O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

COTTON, Charlotte. *The Photograph as Contemporary Art*. London: Thames & Hudson, 2004.

DIAS, Geraldo Souza. *Mira Schendel: do espiritual à corporeidade*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DELEUZE, Gilles. *O que as crianças dizem*. In: Crítica e Clínica; tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2005.

FRANK, Robert. *The Americans*. New York: Scalo Publishers, 1994.

FUCHS, Bernhard. *Strassen und Wege. Fotografien*. London: Koenig Books, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A dúvida de Cézanne*. In: O Olho e o Espírito; tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

ROUILLÉ, André. *A Fotografia – Entre Documento e Arte Contemporânea*; tradução de Constança Egrejas. São Paulo: SENAC SP, 2009.

TWOMBLY, Cy. *Photographs 1951-2007*. Munich/Germany: Shirmer/Mosel, 2008.

SILVEIRA, Paulo Antonio. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

SUBIRATS, Eduardo. *Paisagens da Solidão*. In: Paisagens da Solidão – Ensaios sobre Filosofia e Cultura; tradução de Denise Guimarães Bottmann. São Paulo: Livraria Duas Cidades Ltda., 1986.

Von BEHR, Miguel. *Jalapão: Sertão das Águas*. São José dos Campos/SP: Somos Editora, 2004.

Referência Fílmica

NA NATUREZA Selvagem. Direção e Roteiro: Sean Penn. Intérpretes: Emile Hirsch, Márcia Gay Harden, William Hurt, e outros. Música: Michael Brook, Kaki King, Eddie Vedder. Square One C.I.H./Linson Film, EUA, 2007. 1 filme (148min), son., color., 35 mm.

Silvia Helena Cardoso, artista, antropóloga e professora universitária. Doutora em Artes – Poéticas Visuais (2011) e Mestre em Multimeios – Antropologia Visual (2001)/ Instituto de Artes/Unicamp; Bacharel em Ciências Sociais – Antropologia Social (1991)/FFLCH/USP. Desenvolve ensaios fotográficos autorais e aplicados.